

# TRAMAS DE UM ACERVO ESCOLAR CONFESSIONAL: ODILON ALVES PEDROSA E AS JANELAS MEMORIALÍSTICAS DE UM PADRE-EDUCADOR

Ramsés Nunes e Silva (Universidade Federal da Paraíba)

## 1 INTRODUÇÃO

A construção de sociabilidades, para certo pertencimento ao mundo escolar, ou para a transmissão nele de capitais culturais específicos, a repercutirem como tramite, ou demanda contemporânea na fechadura do Oitocentos, se deu de forma tensa (MARRAMAIO, 1996, p.34). Tanto pela dimensão aparentemente dicotômica dos universos sagrado e profano, quanto em seu imbricamento ou convergência possíveis.

Tais capitais culturais, nunca é demais lembrar, apresentados no sentido que nos apresenta Bourdieu (1996, p.34), para pensarmos querelas discursivas que se apresentavam em curso, por ocasião da recepção e interpretação dos desígnios assentados pela Sé romana, para o mundo moderno. A Igreja e seus partícipes se ressentiam das mudanças modernizantes (MARTINA, 1996, p.12). Apresentando de pronto vastos repertórios discursivos de combatividade. Muitos, assentados no universo bibliográfico, e no estímulo a formação de acervos pessoais de muitos estudantes/seminaristas, divulgando daí princípios doutrinários e militantes do catolicismo combativo. Época na qual, os partícipes do universo cultural escolar clerical se veriam às voltas com outra

dinâmica na tessitura da sociedade. Certamente mais burguesa, cosmopolita e protetora de discursos modernizantes, a alcançar os dois lados do Atlântico. Naquela transição, entre os séculos XIX e XX, dimensão cultural e social, que acabou por produzir toda uma geração de intelectuais católicos (MICELI, 1986, p.34). Também *sens leitores*. Esses últimos, vorazes na aquisição de livros e provedores de seus acervos. Adeptos inclusive da elaboração de *arquivos pessoais*.

É o caso de Odilon Alves Pedrosa, jovem filho das elites pernambucanas <sup>226</sup>, mergulhado nos embates discursivos no Brasil, ainda durante formação inicial no Seminário de Olinda. Vivenciada entre 1921 e 1925, e na visita pastoral que realizou a Itália e a Portugal no ano de 1927. Evento que nos desperta o interesse, por ter como consequência direta o aprofundamento de seu engajamento militante, e a aquisição de uma série de livros apologéticos, filosóficos e pedagógicos, muitos em língua portuguesa. Parte considerável deles, usados como fundamento dos embates nos anos seguintes, e que acabariam em sua biblioteca e arquivo pessoal. De qualquer forma, ainda em Olinda, no início da década de 1920, internado como seminarista, era leitor assíduo de Jackson de Figueiredo, Senna Freitas e Afonso Amoroso Lima. É o que atesta a assinatura da revista *A Ordem*, a principal publicação católica do centro Dom Vital, e posse de uma série de livros apologéticos, mantidos consigo. Daí também, a formação de um núcleo de leituras a se fixarem em sua futura biblioteca e Arquivo <sup>227</sup>. Tanto as que se realizaram na Europa, quanto as que acabaram por formar uma parte de seus preceitos formativos enquanto seminarista, e futuro intelectual engajado.

## 2 MILITANCIA E ESTUDOS ECLESIÁSTICOS

O “alistamento”, junto à outros jovens estudantes internados no Seminário de Olinda, para se lançarem a completar os estudos na Europa, acabaria como uma consequência natural nas pretensões da Cúria para seu “exército eclesiástico”. Particularmente, entre estudantes como Odilon

---

<sup>226</sup> Nascido em São Vicente Ferrer, Zona da Mata de Pernambuco, no seio de uma família de proprietários, os Alves Pedrosa, com uma profunda tradição católica, foi encaminhado, desde muito cedo, ao Seminário de Olinda onde iniciaria seus estudos eclesiásticos. Destacou-se pelo envolvimento nos círculos literários do seminário e demais atividades discentes, tanto na Europa quanto no Brasil, onde foi editor da *Gazeta de Nazareth* e do *Jornal A Imprensa*. Periódicos católicos de suma importância na militância dos anos 1920 e 1930.

<sup>227</sup> A partir do acesso a biblioteca daquele intelectual, sob nossa tutoria, pudemos constatar o cuidado pessoal daquele intelectual para com a estrutura fontes, organização e cronologia dispostos em todo o acervo. Ao longo de décadas fez questão de nomear, numerar e catalogar livros, manuscritos e artigos publicados nos vários jornais em que publicou textos.

Pedrosa. Outrossim, o clima de missionaríssimo, que tomava o universo católico, era já um fenômeno consolidado. Doutrinariamente, dezenas de estudantes brasileiros passaram a frequentar as instituições educacionais eclesíásticas do Vaticano (MENOZZI, 1989, p-9). Algumas delas, especializadas na recepção e instrução de Sul americanos, tais como o Pontifício Colégio Pio Latino Americano.

Colégio fundado em Roma, no ano de 1862, para congregar religiosos oriundos da América do Sul, tendo como princípio a ajuda na formação intelectual e política de líderes eclesíásticos católicos. Parte significativa deles, obedecendo a uma lógica de reação continua a todo e qualquer possível ameaça, oriunda dos estratos sociais e setores intelectuais que se fizessem representar a partir de postulados laicistas. Fosse qual fosse, as circunstâncias e oportunidades oferecidas. O clima, afinal, se mostraria para Odilon Pedrosa, disciplinado, e de ânimo renovado, quando de sua chegada à cidade eterna. Ali, ele formaria um importante cabedal documental que permaneceria sob sua guarda. Apresentado como profissão de fé em sua formação e na escrita de si que produziria. Roma, particularmente, vivia um novo momento de combatividade junto à comunidade católica europeia (MARTINA, 1996, p-23). Era uma cidade, tomada por uma quantidade infindável de livrarias, publicações, debates e polemicas publicadas nos órgãos oficiais do estado eclesíástico. Todas acessíveis ao jovem seminarista. Documentos eram lidos pelos seminaristas e guardados como testemunho dos temas debatidos. Artigos eram publicados internamente.

Naqueles anos, a efetiva imersão de um grande grupo de seminaristas brasileiros a beber na fonte da centralização, e de uma ortodoxia no trato com outras confissões seria contundente. Odilon Pedrosa era um deles. Em maio do ano de 1927, dentro do cronograma de estudos universitários na Universidade Gregoriana, se apresentaria uma etapa de suma importância na vivência do jovem seminarista como militante, e como intelectual pernambucano no Velho Mundo. O mundo se alargaria naqueles meses de verão. Diria o jovem Pedrosa (1986, p-8). Notadamente, devido a sua experiência pessoal na passagem por França e Portugal. Este último, de profundo impacto em sua trajetória. Haja vista que mantinha fortes laços com a produção intelectual portuguesa. Dentro de um plano de visitas, projetado pelas lideranças da Universidade Gregoriana, atrelado ao desempenho.

Conforme divulgado no *Boletins Degli Studenti* (1926, p.4)<sup>228</sup>, se previa a qualificação de estudantes fora de Roma. Sempre a partir de visitas denominadas investigativas.

Odilon Pedrosa, e outros padres foram designados, já desde o início da primavera de 1927, para visitarem a França, Espanha e Portugal. Como é destacado no terceiro número do *Bolletino degli Studenti*, particularmente junto a possibilidade de visitarem Portugal:

[...] irmãos da pátria luso-brasileira, ergam os estandartes da luta pelo catolicismo! Isso é facto: a luta se estende! Irmãos de armas! Tendes a pena, o terço e a língua de Camões como pátria. Saudações aos irmãos Pedrosa, Frago, Barreto e Freitas (BOLLETTINO DEGLI STUDANTI, 1924, p-2).

Movido por um ideal de peregrinação e missionaríssimo, o mesmo que o havia levado a Roma, e incluía visitas a santuários e espaços de convívio e de produção intelectual, o seminarista pernambucano, e mais quatro estudantes da Universidade Gregoriana, se deslocaram para Lourdes, na França, a partir de Roma. Como diria Odilon Pedrosa, anos depois: Navegamos de Genova a Narbonne e daí para Lourdes de carro. Uma viagem difícil, mas que renovou nossas preces. Estávamos na presença de Maria e de seus defensores (DIÁRIO DE VIAGEM, 1927, p-3).

Após a peregrinação no santuário de Lourdes, a segunda etapa da viagem missionária, se deslocou pela Espanha em direção a São Tiago de Compostela. Embora tenham estado ali, pouco tempo, devido a complicações e enfermidades entre os seminaristas. Eles se encontrariam, rapidamente, em direção a Braga e ao Porto, ao Norte de Portugal. Um desvio no roteiro original, que teria consequências diretas na construção do acervo português da biblioteca de Odilon Pedrosa (DIÁRIO DE VIAGEM, 1927, p.10).

Odilon Pedrosa no Porto e em Braga teria acesso a todo um repertório de leituras. Parte significativa delas, seriam adquiridas nas livrarias da cidade e na qual se apresentavam debates de profunda influência na formação do jovem padre. No Diário de Viagem, Odilon Pedrosa escreve: *Sexta Feira. O frio ainda intenso. Pela via férrea chegamos a Tny. Vamos a Braga. Deus queira. Teremos acesso às livrarias e boas aquisições. Já é tarde e divisamos o casario barroco de Braga. Terra dos mais valentes clérigos* (DIÁRIO DE VIAGEM, 1927, p-12).

---

<sup>228</sup> Publicação estudantil editada pelos estudantes latino americanos e nos quais publicaria Odilon Pedrosa uma série de artigos no período em que esteve na Itália. Todos, devidamente arquivados em seu acervo pessoal, na forma de encadernados.

Os jovens seminaristas desembarcaram a 4 de maio de 1927, num Portugal ainda convulsionado pelo avanço dos modelos instrucionais escolanovista e laicizante, respetivamente (CATROGA, 2010, p-49). Bem como de uma secularização que, segundo Pintassilgo (2014, p.16): *se apresentava intensa, donde era dado estar a própria noção de “utopia demopédica”, contendo a ideia de um (não) lugar, uma sociedade outra, em que vigoram leis, regras e valores que permitem a formação de um “homem novo”*.

Neste sentido, aos visitantes que se acercavam de Portugal, a partir de Braga, encontravam um ambiente de conflito no qual a instrução permeava a projeção republicana portuguesa, por uma dicotomia entre representações societárias muito bem distintas. O mundo cultural português, de forte representação clerical, se achava distendido. O universo cotidiano se secularizava, embora em ritmos e intensidade, distintas. Posto que: *ainda que em cada país acabassem por ser tingidos com cores próprias, de acordo com os diferentes contextos nacionais e ideologias de Estado* (PINTASSILGO, 2011, p.18). Portugal também estaria sob este crivo, onde a República lidaria com resistências. De qualquer forma, o homem novo, a que Pintassilgo (2014, p.15-16) remete, se apresentava para codificar o surgimento de um ser e estar, naquele âmbito de mudanças significativas, sob outro escrutínio, a partir de novos signos. Neste caso, os republicanos. Odilon Pedrosa adquiriu um bom número de obras portuguesas que abordavam justamente aquele embate. Destarte o que asseverava a necessidade de instrução confessional patrocinada pelos futuros padres docentes.

Odilon Pedrosa, considerava ter informação dos embates em Portugal, à medida que ressaltaria a ansiedade pelo contato com intelectuais e textualidades de um catolicismo que teria passado por discursos que, segundo acreditava, eram ainda mais radicais do que aqueles que haviam impelido o protagonismo republicano brasileiro. Comenta em seu Diário: *Sábado. A cidade transpira religiosidade. Não faltam igrejas. Não faltam ladainhas. Nos apinhamos no dormitório da Arquidiocese. Num prédio medieval, junto ao paço da cidade* (DIÁRIO DE VIAGEM, 1927, p-5). Aquela re-cristianização, entretanto, passava por uma retomada simbólica e instrumental dos símbolos capturados pelo republicanismo, na sacralização dos signos positivistas e republicanos no ceio da escola, mormente as proclamações republicanas, no Brasil e em Portugal.

Todo um significado de perdas para a Igreja criava uma esfera de cumplicidade e “comunitarismo”, atrelados a inimigos em comum: a secularização e a laicidade. A Igreja Católica, parecia entender que prescindia de um maior número de padres em contato não só com intelectuais

catedráticos nas instituições escolares, mas com líderes políticos atuantes de seus quadros. Aqueles mesmos, que haviam se envolvido diretamente com querelas a nível de protagonismos, e no qual os ajustamentos socioculturais daquela instituição, haviam se manifestado resistentes. É certo, que pelos anos 1920, em Portugal, o trato era com o uso do catolicismo cívico-religioso, e de muitos sincretismos, dos quais algumas formas de concordatas ufanistas e patrióticas, davam margem a ajustamentos do catolicismo dentro da realidade republicana. Aspecto que Odilon Pedrosa já conhecia, e acreditava ser uma fórmula de ajustamento ao Estado, proveitosa e prudente. Como reforçaria, no olhar lançado a Braga: Quarta-Feira (...) *Eis aqui o pavilhão português ao lado do estandarte da Arquidiocese. Nem tudo está perdido* (DIÁRIO DE VIAGEM, 1927, p-8). Trato entre o crivo do Estado, e as possibilidades de barganha, como constava nos livros de Francesco Ogliati. Este último intelectual, detalhadamente lido no Pontifício Colégio Pio Latino Americano, e constante na Biblioteca do religioso brasileiro.

Ao mesmo tempo, não era menos verdade que o catolicismo a que se lançavam os bispos ao Norte de Portugal, e com o qual Odilon Pedrosa tomava contato direto, almejasse tão só certo enrijecimento para uma recondução a catolicidade. Manifestação na qual a educação, e o combate a modelos societários não-católicos, acabava como objetivo a ser alcançado, inclusive no Brasil. Daí a busca por material impresso que o embasasse em seu retorno.

Odilon Pedrosa, fundamentaria seu acervo ali mesmo, com uma considerável bagagem de livros, opúsculos, documentos oficiais e panfletos de toda ordem, originários de Portugal. Anos depois, já como diretor da Gazeta de Nazaré<sup>229</sup>, em Pernambuco, mencionaria de forma enfática as publicações católicas adquiridas em Braga, como exemplo de ação social a ser “copiada”, e modelo de articulação intelectual e jornalismo diocesano.

É notável que se somaria aquele acervo, uma série de obras que Odilon Pedrosa colecionou junto a sua biblioteca e que o mesmo, sempre que tinha oportunidade, referenciava em suas *memórias*, na *Gazeta de Nazaré* ou no jornal *A Imprensa*<sup>230</sup>. A existência de obras como *Crítica a Crítica*<sup>231</sup>, do padre português José Joaquim de Senna Freitas em sua biblioteca, se deve a poucos, mas intensos dias passados no Porto. Especialmente antes do retorno a Itália.

---

<sup>229</sup> Órgão de imprensa oficial da Arquidiocese de Nazaré da Mata (Pernambuco) que o religioso coordenaria por anos seguidos.

<sup>230</sup> Periódico paraibano, dos principais impressos diocesanos que o religioso coordenaria, ao longo dos anos 1950.

<sup>231</sup> FREITAS, José Joaquim de Senna. *Crítica à crítica*. Porto, Livraria Portuense, 1879, p-10.

Em sua trajetória intelectual, na construção de uma série de postulados que reproduziria ao longo de sua carreira, estava a percepção muito efetiva dos modelos instrucionais adversários da escola católica, absolvendo em seu metieuo intelectual, postulados contra o protestantismo. Base religiosa que o padre, jornalista e *lente*, considerava uma das maiores ameaças ao modelo de escola católica. Assim leu, de forma avida, a partir de Senna Freitas, sobre as polemicas que assolavam Portugal e o Porto e na qual bebeu argumentos apologéticos naqueles dias de estadia na *cidade invicta*. Em seu Diário, inclusive, faz inúmeras referências ao intelectual lusitano:

(...) o grande padre dos Açores nos alerta sobre o grande mal de Wittenberg. Nos conforta ao apontar o verdadeiro modelo de sociedade e que, penso, deve nortear a instrução. A ele devemos o tacape a brandir sobre a cabeça dos hereges em terras pernambucanas. Sejam os seus discípulos. Honremos a escola catholica, combatamos os preceitos heréticos. (DIÁRIO DE VIAGEM 1927, p-47)

Foi mesmo no Porto que Odilon Pedrosa expediria por correio uma cópia de *Crítica a Crítica* para a biblioteca da Pia Universidade Gregoriana. Também foi junto a Associação Beato Ignácio de Azevedo que adquiriu uma boa parte de seus livros apologéticos<sup>232</sup>. A observar a quantidade de obras de Senna Freitas, constantes em sua biblioteca, podemos mensurar a compreensão da questão da instrução protestante, que se fixou em seu repertório combativo, de crivo marcadamente romanizado. Em um dos livros de sua biblioteca se encontra grifada, por exemplo, uma passagem marcante do olhar de Senna Freitas (1879, p.10) para a doutrina:

Felizmente os protestantes são sempre melhores que o seu protestantismo, aliás, se fossem coerentes, deixavam a perder de vista as abominações da antiga Roma verberadas pelo chicote de Juvenal (...) mas esses taes são os protestantes de boa-fé, os heresiachas que criaram a reforma foram os que mais largamente tiraram as consequências do princípio da não necessidade das boas obras (FREITAS, 1879, p-10-12).

Aquele outono de 1927, se manifestaria profícuo no aprofundamento e no fomento das posturas missionárias ultramontanas, que Odilon Pedrosa receberia como instrução para seu retorno ao Pontifício Colégio Pio Latino Americano e também ao Brasil.

---

<sup>232</sup> Clube literário localizado no Colégio pio latino americano, em que Odilon Alves Pedrosa estava associado e no qual exercia atividades jornalísticas e intelectuais.

Entre as obras marcantes que trouxe da Europa, devidamente catalogadas, constantes no atual acervo estão: *A Nova Geração*, de Diogo Pacheco D'Amorim; Do Padre Senna Freitas: *No presbitero e no templo, Dia à dia de um espírito cristão*, e *Os Nossos bispos do continente*; *O Christianismo e o progresso* de Antônio da Costa; *O Católico no século* de Joao Bosco; *Regras da Igreja na formação do clero*, de autoria de Antônio Ferreira Pinto. Entre muitos outros. Livros que seguiram com Odilon, naquele tórrido ano de 1927.

Primeiramente, rumo a Pia Universidade Gregoriana, e que, em seguida, passaram a ser usados no dia à dia do intelectual como esteio de seus artigos, crônicas e livros. Afinal, aquelas referências se tornariam por longos anos, fonte de embasamento para sua polemicas com as lideranças intelectuais pernambucanas, logo que retornou ao Brasil. Somavam-se aquelas obras, ao acervo brasileiro. Tornadas fontes de consulta e uso constante na atividade jornalística e instrucional de Odilon Pedrosa. O religioso, alias, e demais companheiros de viagem, retornaram a Itália por Lisboa, no dia 13 maio de 1927. Fixava-se na memória, nesse item, o que parecia ser, e era, uma missão cumprida: certa organicidade, a toda prova, para ser levada a Itália e ao Brasil. Particularmente, nas páginas do acervo adquirido.

Em dezembro de 1927, Odilon Alves Pedrosa era nomeado doutor em direito canônico pela Pia Universidade Gregoriana de Roma, e retomava ao Brasil logo em seguida, para assumir atividades junto a Arquidiocese de Nazareth da Mata. Haviam se passado quatro anos de longas reflexões e estudo. *Era chegado a boa hora*. Escreveria numa das páginas fragmentadas de seu diário (DIÁRIO DE VIAGEM, 1927, p.56).

Em Pernambuco, onde estaria vinculado a intelectualidade da cidade de Nazareth da Mata, repercutiria o tempo de visita a Europa para expandir suas noções de militância. Levadas à cabo nos anos seguintes, à frente de Ginásios e periódicos, nos quais expunha o embasamento fixado na Sé Romana, e na visita a Portugal. Cioso inclusive de criar e organizar informações precisas das atividades desenvolvidas. Fosse compilando artigos de jornais publicados, diários escritos ou discursos proferidos. Da mesma forma, um bom número de fotografias captadas ao longo do tempo como estudante seminarista padre e educador.

Desde muito cedo ao se fixar como docente, tanto em Pernambuco quanto na Paraíba, ao longo de três décadas, Odilon Pedrosa definiu como um critério importante de sua carreira, documentar, organizar e disponibilizar uma biblioteca e arquivo pessoal doutrinário, sistematizando-os em prol de uma organicidade que se fundamentava década a década. Dentro do fenômeno a que remete Deonir Kurek, (2002, p.34), ao discutir a importância dada por

formadores e intelectuais no que diz respeito a observância de uma “escrita de si”. Urdida no transcurso de dadas escolhas pessoais, sobre suas respectivas trajetórias. Notadamente, no caso de Odilon Pedrosa, aquela delimitada como dispositivo a serviço dos interesses combativos da Igreja Católica.

O Arquivo e Biblioteca Pessoal do Padre Odilon Pedrosa que passaria a acompanhar a trajetória de seu provedor, teve como lastro uma função de espaço militante durante todo o período de sua formação, ainda no Seminário de Olinda, passando pelos corredores estudantis do Pio Colégio Latino Americano em Roma, até as casas paroquiais, nas quais se fixou como pároco.

Entretanto, foi na formação de um acervo instrucional, que se baseou boa parte das aquisições e recortes elaborados pelo intelectual, francamente envolvido nas querelas entre instrução laica e confessional ao longo dos anos.

Dentro dessa esfera, Odilon Pedrosa promoveu ajustes conforme incluía itens no acervo, atrelados aos designios da Igreja para a instrução confessional, enquanto produzia textos inclusos nos jornais donde era colaborador. Rotina que incluía prover o acervo de suas produções, normatizando-o e deixando-o sempre atualizado.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre acervos, dispostos no transcurso de uma formação política, assentada na instrução confessional, permanece alvo de interesse investigativo. Principalmente se na tessitura de um acervo educacional de base confessional o protagonista/articulista, autor de textos, artigos de toda ordem, articule como necessário se projetar como artífice intelectual, a partir da formação de um cabedal de referências. Todas assentadas num arquivo pessoal, e uma biblioteca de referência na área da instrução católica. Elaborada no transcurso de embates entre modelos educacionais. Articulada a *interesses do tempo*. Projetada no trato com os temas recorrentes do universo educacional e doutrinário. Mensurada para servir alhures de base de estudos e de conservação de repertórios temáticos.

### REFERÊNCIAS

- AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil**: Terceira Época: 1930-1964. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p-34- 50.
- BOLETTINO DEGLI STUDANTI, **Pio Colégio Latino Americano**, vol.2, Roma, Itália, 1926, p.4
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**, Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 2007.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: EDUSP, 2002, p-340-370.

CATROGA, Fernando. **Entre Deuses e Cesares**. Lisboa: Almedina, 2010.

DIARIO DE VIAGEM, **Manuscrito**, Roma: Itália, vol,2, 1927, p.3

FREITAS, J. J. S.F. **Crítica à crítica**. Porto: Livraria Portuense, 1879.

KUREK, Deonir; OLIVEIRA, Valeska F. de. “O cuidado de si” na produção da subjetividade docente. In: VASCONCELOS, José Gerardo; MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano.(org.) **Um Dispositivo chamado Foucault**. Fortaleza: LCR, 2002.

MARRAMAO, Giacomo, **Poder e secularização**, São Paulo:UNESP, 2001.

MARTINA,Giacomo, **História da Igreja**, De Lutero aos nossos dias,Vol.III, A Era do Liberalismo,Tradução: Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola,1996.

MEZZOTI, Daniele. **A Igreja Católica e a Secularização**. São Paulo: Paulinas, 1998. p.49-60.

MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica brasileira**, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PINTASSILGO, Joaquim (org.). **Laicidade, Religiões e educação na Europa do Sul no século XX**. Instituto de Educação: Universidade de Lisboa, 2013.